

iberografias

Paisagens, Patrimónios, Turismos

Rui Jacinto e Valentín Cabero Diéguez (coordenação)

Paisagens, Patrimónios,
Turismos

Rui Jacinto e Valentín Cabero Diéguez
(coordenação)

ISBN: 978 972 780 466 5



Colecção Iberografias
Volume 28

Título: Paisagens, Patrimónios, Turismos

Coordenação: Rui Jacinto e Valentín Cabero Diéguez

Autores: Ana Maria Carvalho, Ana Rita Santos, Ana Sofia Carreira Duque, Catarina Pinto Ferreira de Mateus Soares, Cláudia João, Daniela Pereira Alves Ribeiro, Diogo Miguel Gil Morgado, Fábio Fernandes, Fernanda Pacheco, Filomena Gomes, João Gama, Lúcia Ribeiro, Maria Emília Pires Nogueiro, Maria Isabel Chaves Carneiro, Paulo Celso Lopes Pinto, Paulo Manuel Carvalho, Patrícia Figueiredo, Pedro Gusmão, Rui Jacinto, Susana Santos e José Castro, Teresa Constança Lisboa Sampaio da Nóvoa, Valentín Cabero Diéguez, Vera Dulce Fernandes Martinho.

Revisão: Ana Margarida Aprocença
Pré-impressão: Âncora Editora

Capa: Âncora Editora
a partir do *layout* original de João Pedro Cochofel

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: Outubro de 2014
Depósito legal n.º 382 391/14
ISBN: 978 972 780 466 5
ISBN: 978 989 8676 05 4

Edição n.º 41028

Centro de Estudos Ibéricos
Rua Soeiro Viegas n.º 8
6300-758 Guarda
cei@cei.pt
www.cei.pt

Âncora Editora
Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.
1350-179 Lisboa
ancora.editora@ancora-editora.pt
www.ancora-editora.pt
www.facebook.com/ancoraeditora

O Centro de Estudos Ibéricos respeita os originais dos textos, não se responsabilizando pelos conteúdos, forma e opiniões neles expressas.

A opção ou não pelas regras do novo acordo ortográfico é da responsabilidade dos autores.

Apoios:



COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA
ESPAÑA - PORTUGAL
COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA



LIE
FEDER
Investimos no seu futuro

ÍNDICE

PAISAGENS, PATRIMÓNIOS E TURISMO CULTURAL <i>Rui Jacinto e Valentín Cabero Diéguez</i>	7
PAISAGENS, PATRIMÓNIO NATURAL E VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS LOCAIS 19	
A COMPLEXIFICAÇÃO DA IDEIA DE PAISAGEM CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA ATRAVÉS DA EXPLORAÇÃO DAS PAISAGENS AGRO-INDUSTRIAIS DO VALE DO TEJO E SADO <i>Pedro Gusmão</i>	21
CLONAGEM DE PLANTAS SELECIONADAS DE MEDRONHEIRO E A SUA AVALIAÇÃO DE CAMPO <i>Ana Rita Santos, Cláudia João, Filomena Gomes, João Gama e Patrícia Figueiredo</i>	43
ROTAS DE PLANTAS E SABERES DA TERRA-FRIA TRANSMONTANA: CONHECIMENTO TRADICIONAL E PATRIMÓNIO BIO-CULTURAL <i>Ana Maria Carvalho e Lúcia Ribeiro</i>	53
PEISQUEIRAS DO RIO MINHO: VALORIZAÇÃO DE UM PATRIMÓNIO CULTURAL <i>Fernanda Pacheco</i>	73
VALORIZAÇÃO DO LEGADO MINEIRO. AS MINAS DO PEJÃO <i>Daniela Pereira Alves Ribeiro</i>	85
PARA UMA ANÁLISE ESPACIAL DA EXPLORAÇÃO MINEIRA EM VILA VELHA DE RÓDÃO <i>Fábio Fernandes</i>	95
PAISAGEM E PATRIMÓNIO GEOMORFOLÓGICO DO CONCELHO DO SABUGAL <i>Paulo Celso Lopes Pinto</i>	109
PATRIMÓNIO E TURISMO CULTURAL 129	
PASTOREIO EM MANTEIGAS: TRANSMÂNICA NO PASSADO E NO PRESENTE <i>Diogo Miguel Gil Morgado</i>	131
“A HISTÓRIA DE VIDA DE MARGARIDA E O FUTURO DO PLANALTO MIRANDÊS” <i>Teresa Constança Lisboa Sampaio da Nóvoa</i>	147
OS MOINHOS DE ÁGUA DO CONCELHO DE BÓTICAS – CONTRIBUTOS DO PATRIMÓNIO IMATERIAL PARA A REVITALIZAÇÃO E PROMOÇÃO DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO <i>Maria Isabel Chaves Carneiro</i>	165
A MORFOLOGIA URBANA NO INTERIOR NORTE DE PORTUGAL – OS PADRÕES DE OCUPAÇÃO <i>Vera Dulce Fernandes Martinho</i>	175
PROTO-HISTÓRIA, MOTIVAÇÃO PARA FRUIÇÃO DA PAISAGEM E OPORTUNIDADE PARA A SUA INTERPRETAÇÃO <i>José Castro e Susana Santos</i>	209
A OCUPAÇÃO ALTO-MEDIEVAL DA BACIA DO RIO SEVER – CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS CONCELHOS DE MARVÃO (PORTALEGRE, PORTUGAL) E VALENCIA DE ALCÁNTARA (CÁCERES, ESPANHA) <i>Catarina Pinto Ferreira de Mateus Soares</i>	219
O CAMINHO DA IMAGINÁRIA: ROTA FRANCISCANA NO TERRITÓRIO DE TRÁS-OS-MONTES <i>Maria Emília Pires Nogueiro</i>	239
TURISMO E COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA: ROTAS TURÍSTICAS NA PENÍNSULA IBÉRICA <i>Ana Sofia Carreira Duque e Paulo Manuel Carvalho</i>	259

CMP, 1993, fl. 325
CMP, 1993, fl. 335
CMP, 1993, fl. 336
CMP, 1993, fl. 346
CMP, 1993, fl. 347
CMP, 1993, fl. 348
CMP, 1993, fl. 359

Cartas Militares – Valencia de Alcántara, Espanha

Mapa Topográfico Nacional de España, 2010, fl. 701
Mapa Topográfico Nacional de España, 2002, fl. 701-IV
Mapa Topográfico Nacional de España, 1998, fl. 8-28

O CAMINHO DA IMAGINÁRIA: ROTA FRANCISCANA NO TERRITÓRIO DE TRÁS-OS-MONTES

Maria Emília Pires Nogueiro
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO | INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Introdução

O caminho da imaginária: rota franciscana no território de Trás-os-Montes, tem como objetivo principal promover a intervenção cultural como fator de desenvolvimento local, organizando percursos orientados ao património histórico e artístico do território Brigantino. O percurso tem como linha estruturante a imaginária ou escultura, atualmente em guarda nos conventos da Ordem Franciscana, na diocese de Bragança Miranda.

A Ordem Franciscana, pela sua inerência mendicante, está historicamente relacionada com o ressurgimento das cidades no contexto medieval e também com a missionação e evangelização que se prolongará nos tempos Modernos.

Teixeira (1997) refere que durante o período medieval vão-se instalar dois núcleos franciscanos na região de Bragança, os Frades Menores de Bragança e os Eremitas de Santa Maria de Azinhoso, em Mogadouro. Durante o período Moderno foram vários os núcleos religiosos de inspiração franciscana que se estabeleceram neste território: o Seminário Apostólico e as Clarissas em Vinhais, o convento em Mogadouro, em Moncorvo, em Sezulfé e as Clarissas em Bragança. Dos diversos espaços ocupados pela Ordem de São Francisco de Assis, na diocese de Bragança Miranda, já nenhum cumpre a sua função original e muitos já desapareceram, como é o caso dos conventos de Moncorvo, Sezulfé, das Clarissas em Vinhais, os Eremitas de Santa Maria de Azinhoso que terão abandonado o espaço ainda durante o período medieval.

O presente estudo centra-se nos espaços outrora ocupados pelos franciscanos que ainda chegaram aos nossos dias: a igreja de São Francisco e a igreja de Santa Clara (atual igreja de Nossa Senhora das Graças) em Bragança; igreja de São Francisco em Mogadouro; igreja de Nossa Senhora da Encarnação e igreja de São Francisco, em Vinhais.

O caminho para essa aproximação é percorrido através da imaginária ou escultura de imagens que a Ordem encomendou para ilustrar os modelos comportamentais que ensinava. A imaginária religiosa católica adotou, ao



1. imagem de satélite do norte do território de Portugal com demarcação da rota que une Bragança, Mogadouro e Vinhais, contigua à linha de fronteira que separa do território espanhol. Adaptado de <https://www.google.pt/maps/> (Acedido em 10 de Abril de 2014)

longo da história de arte, um valor catequético que ultrapassa ou é concorrente com o seu valor estético. Neste sentido, a imagem sublima o conceito que se pretende transmitir, orientando a nossa interpretação da escultura sacra como projeção simbólica do ideal moral, individual e social, preconizado pela igreja católica.

Os principais modelos iconográficos emergentes deste estudo serão metodologicamente a próxima análise a efetuar. A rede estabelecida pela Ordem permite-nos aproximar das relações criadas entre os burgos das comunidades deste território de fronteira.

O percurso parte de Bragança, onde chegou a Ordem ainda no século XIII, e que no século XVI receberá o primeiro espaço de clausura feminina. De Bragança segue para Mogadouro, onde fundaram convento os franciscanos no século XVII e, finalmente, Vinhais onde se instalou a Ordem no século XVIII.

1. Contexto Histórico da Ordem em Portugal, desde a Entrada até à Expulsão 1834

A Ordem fundada por São Francisco de Assis foi aprovada pelo Papa Inocêncio III, em 1209. Conta a lenda que São Francisco em peregrinação a Santiago de Compostela terá estado em Portugal, mas não existem, porém, fontes coevas credíveis que confirmem este dado. Em 1217 a Ordem chega a Portugal e fundam-se os primeiros conventos, simples ermitérios em Alenquer,

Guimarães, Lisboa e em 1220 em Coimbra. Ficaram na história os nomes de dois fundadores: em Alenquer, Frei Zacarias de Roma, e, em Guimarães, Frei Gualter, que a tradição popular vimaranense ainda hoje celebra nas Festas Gualterianas (Montes Moreira, 2000).

Segundo Mattoso (2002) o fenómeno mendicante apesar das suas raízes e contactos com o eremitismo é um fenómeno urbano. A presença ou ausência de conventos é só por si significativa das características da cidade, este facto justifica que no contexto medieval seja Bragança o único espaço que de forma estável e continuada recebe os frades menores.

O mesmo autor, José Mattoso (2002), refere que no conjunto, mais de dois terços dos conventos se situavam a sul do Mondego, isto é nas cidades de origem muçulmana. Eram cidades mais concentradas com atividades económicas mais modernas que as do Norte, com uma economia produtiva e de trocas mais intensas. Havia menos instituições religiosas e afluía mais gente deslocada, expulsa pela rigidez senhorial. A Ordem franciscana teve várias dificuldades para se implantar onde o poder eclesiástico estava mais consolidado, como Porto, Guimarães, Leiria, Estremoz e Braga. A mobilidade e o dinamismo franciscano, o facto de as suas propriedades pertencerem juridicamente à Santa Sé e, portanto, serem isentas de imposições fiscais civis e eclesiásticas, a sua organização supranacional, tudo isto criava obstáculos graves ao monopólio do poder que aquelas instituições exerciam a nível local.

O território em estudo encontra-se no Norte interior como refere Mattoso (1993) no Norte do território nacional a concentração de mosteiros era muito mais intensa entre Douro e Minho do que em Trás-os-Montes. A região onde se acumulava maior número de famílias diferentes é também aquela onde a rede paroquial era mais densa, os mosteiros mais numerosos e a terra mais fecunda. A partir da segunda metade do século XII a maioria de fundações de novos mosteiros privilegiaram as zonas menos densas de população como o Alto Minho, Trás-os-Montes e Beira, é neste contexto de superação de problemas de fraca consolidação dos centros urbanos que surge a fundação do convento em Bragança.

Segundo Marques (1982) na segunda metade do século XIII os conventos do Porto e Guimarães eram os únicos centros irradiadores do espírito franciscano Entre Douro e Minho, para não dizer do todo o Além Douro, uma vez que do convento de Bragança nada se sabe para além da sua existência.

Ao contrário das ordens monásticas que se incrustavam no meio rural, o ideal franciscano, que no plano pessoal visava a mais perfeita identificação com Cristo, na sua dimensão social caracterizava-se pelo testemunho de pobreza evangélica e pelo amor aos irmãos, especialmente traduzido no zelo pela salvação eterna de cada um. Aqui radica a preferência dos frades menores pelos espaços urbanos, onde mais fácil e intensamente poderiam difundir a sua mensagem e garantir o indispensável à própria subsistência. Desta implantação nos meios urbanos temos notícia pelo testamento de D. Afonso III que nele contemplou os Frades Menores de Lisboa, Santarém, Coimbra, Porto, Alenquer, Leiria, Guimarães, Bragança, Lamego, Guarda, Covilhã, Portalegre, Évora, Beja (Marques, 1982).

A implantação das ordens mendicantes em Portugal intensifica-se quando as ordens monásticas que os precederam entravam já numa fase crítica. (Marques, 1982)

Destaca-se entre as atividades dos franciscanos, neste período, a sua presença no ensino (Montes Moreira, 2000).

As escolas conventuais multiplicam-se pelo país à medida que se aproxima o final da Idade Média, bem distintas das escolas monásticas. Os Franciscanos, Dominicanos e Lóios constituem institutos religiosos vocacionados com especial empenho na pastoral, na pregação e defesa da ortodoxia católica. Os clérigos ilustres do final da Idade Média eram além dos prelados seculares os religiosos de S. Francisco e S. Domingos (Mattoso, 1993).

Em muitas cidades os Franciscanos competiam no ensino com os tradicionais mosteiros vinculados com o poder senhorial (Mattoso, 1993).

Porém, Franciscanos e Dominicanos sobressaiam menos no ensino do que na pregação. De forte ação popular, sobretudo os Franciscanos, o que lhes permitiu imprimir uma profunda influência cultural com amplas consequências na transformação da mentalidade dominante (Mattoso, 1993).

A espiritualidade pregada pelos discípulos de S. Francisco era bem aceite pelos leigos, que se reuniam para a celebração de atos comunitários, onde lhes eram ministradas normas de vida individual e estímulo à prática da caridade (Marques, 1982).

O apostolado franciscano muito contribuiu para minorar as dificuldades sociais de um território ainda indefinido, ajudando a consolidar as estruturas urbanas. Também as mais espinhosas missões internacionais eram muitas

vezes postas à guarda de frades franciscanos, devido à sua independência e autoridade espiritual. O facto de eles terem procurado as populações desprotegidas e carenciadas dos deslocados que afluíam às cidades e de desenvolverem um apostolado desinteressado deu-lhes um papel de relevo em muitas situações de conflito (Mattoso, 2002).

Marques (1982) afirma que desde o tempo do santo fundador da ordem que a tensão se fez sentir dentro da própria ordem.

Montes Moreira (2002) descreve as duas correntes, que em meados do século xiv emergem dentro da Ordem: Conventualismo de clausura e que se instala sobretudo em espaços urbanos com presença de escolas públicas em muitos conventos; Observância que consubstancia uma linha mais purista da Regra Franciscana e que se instala, por norma, em locais ermos ou rurais. Ao longo do século xv fundam-se cerca de dez Conventos Observantes sendo o mais destacado o de Varatojo (Torres Vedras) e consolidam-se como vigaria autônoma no seio da única província franciscana do reino que dependia da vigaria geral observante (que se dividia em Cismontana, em Itália e Ultramontana, fora de Itália).

Os conventos franciscanos mais importantes no norte do país eram, no ramo dos Claustrais, em primeiro lugar o do Porto, seguido pelo de Guimarães e no ramo da Observância era o convento de Viana do Castelo. (Marques, 1982)

A partir do pedido do cardeal D. Henrique e até à extinção das Ordens Religiosas em 1834, em Portugal, eram os Franciscanos Observantes que tutelavam as Províncias, Custódias e Seminários que se multiplicaram durante os séculos xii e xiii, chegando no Capítulo Geral de Toledo, em 1606, a surgir a advertência para o excesso de Conventos na Península Ibérica. No período de maior expansão, Conventos e Hospícios, Províncias, Custódias e Seminários chegaram a ser perto de duzentos. A área de maior implantação era a zona de Coimbra do Patriarcado de Lisboa e gozando de especial proteção da casa de Bragança, Évora e Vila Viçosa. A Ordem entrou em declínio ao longo do século xix, as invasões francesas ocuparam vários conventos e o Iluminismo agudizou o ataque anticlerical que propiciou a determinação, por parte de D. Pedro IV, em 1834, da extinção imediata das Ordens Regulares e incorporação dos seus bens na fazenda nacional (exceto paramentos e vasos sagrados que foram entregues aos bispos das respectivas dioceses). A Ordem regressou lentamente, dando acolhimento aos “egressos” (nome dado aos religiosos

expulsos), inicialmente a partir da ação de um particular, em Varatojo, em 1861, e que suscitou nos finais do século XIX a reabertura de outros espaços em Peniche, Braga e Évora (Montes Moreira, 2000).

A extinção das Ordens Regulares provocou alterações profundas, nos espaços conventuais em estudo, tendo sido adaptados a novos usos. No entanto, as igrejas dos conventos estão ainda a culto, apesar de terem sido também alvo de diversas mudanças ao longo dos séculos XIX e XX.

A escultura a culto, no interior dos templos, também sofreu perdas, tendo sido profundamente intervencionada, repintada, mudada de local e até acrescentada, sobretudo durante o período do Estado Novo. O presente estudo centra-se porém nas esculturas encomendadas pela ordem franciscana, portanto anteriores a 1834.

2. Convento de São Francisco em Bragança



2. Vista geral da igreja e parte do antigo convento de São Francisco em Bragança.

Em 1721-1724, Cardoso Borges escrevia que “o primeiro convento que a religião seráfica teve em Portugal é o desta cidade nasceu nas mãos do Santo Patriarca, no de 1214, na ocasião que, voltando da romaria de Santiago, passou por esta cidade e a honrou com a sua presença. (...) A tradição nesta cidade e suas vizinhanças é tão constante que ninguém se atreveria a dizer o contrário sem nota de temeridade.” (Borges, 2012, p. 142)

Porém não são de aceitar estas observações pois não se encontram documentos que abonem as tradições cronísticas (Marques, 1982).

O último historiador a referir a viagem de São Francisco a Portugal foi Frei Bartolomeu Ribeiro, em 1946 (Teixeira, 1997).

O Abade de Baçal menciona ainda: “Devemos notar também que Bragança, povoada, a modo de Roma, por escravos, judeus, adúlteros, assassinos e outros criminosos, sem dúvida atraídos pelas garantias outorgadas no foral de D. Sancho, não seria a terra melhor preparada para receber carinhosamente uma ordem religiosa” (Alves, 2000, p. 242).

Cardoso Borges refere que o convento foi fundado sobre uma capela de Santa Catarina que corresponde ao espaço da sala do capítulo. O sítio foi dado pela nobre família dos Moraes e a cidade favorecida de rendas públicas fez o edifício, que era humilde conforme a regra e preparado para 25 religiosos. Em 1282, a Rainha Santa Isabel passou por esta cidade, quando vinha de Aragão e, por ter ficado com especial devoção ao convento de São Francisco, mandou fazer a igreja que se mantém até aos nossos dias, sendo, no dizer de Borges (2012) a maior igreja desta cidade:

De 1271 data o primeiro documento conhecido que refere o Convento e que é o testamento de D. Afonso III (1248-1279), em que o monarca doou 50 libras ao Convento. Depois de D. Afonso III foi a Rainha Santa Isabel que fez uma doação ao Convento para obras no edifício da igreja. Em 1334-1342 foi feito o altar de Nossa Senhora da Conceição, com estatuto de privilégio outorgado pelo Papa Bento XII. Em 1412, D. João I tomou o convento à sua proteção e, ainda no mesmo século, passou para a Casa de Bragança, que também o favorecerá. Neste século, segundo Teixeira (1997) o convento contava apenas com três frades e tal como Alves (2000) refere foi feito à custa de rendas públicas da cidade e de esmolas particulares.

O contexto económico do século XIII, caracterizado pelo aumento das áreas cultivadas, o relançamento do comércio, a organização dos mesterais e consequente desenvolvimento dos centros urbanos, propicia o desenvolvimento e propagação da Ordem Franciscana por toda a Europa (Teixeira, 1997).

Para este processo contribuem também as peregrinações a Santiago de Compostela e as cruzadas (Mattoso, 1993).

A peregrinação marcou fortemente a vida religiosa na Idade Média, numa sociedade compartimentada e sedentária, os peregrinos tornavam-se o sinal

de uma realidade quase sagrada, por terem ousado romper com o quotidiano (Mattoso, 1993).

No início do século XIII, Bragança reúne condições para o estabelecimento de uma Ordem Mendicante pois existia artesanato, agricultura com excedentes, comércio, famílias abastadas, bem como aspetos geográficos concretos, como a proximidade da fronteira, o afastamento dos grandes centros religiosos e a passagem de peregrinos, o que provocava animação urbana, moeda em circulação e esmolas, mas também carências de assistência espiritual e humanitária e pobreza. A comunidade de frades mendicantes mais próxima era de São Domingos, em Vila Real. (Teixeira, 1997)

O Convento de Bragança pertenceu à Custódia de Portugal até 1272, integrada na Província de Santiago; à Custódia da Galiza até 1330; à Custódia da Zamora até 1385, finalmente estará integrado na Custódia de Coimbra que depois integra a Província de Portugal. Ao longo do século XV o Convento aproxima-se ao ramo Conventual (Província Portuguesa dos Frades Conventuais 1517-1568). Em 1568, o convento passa para o ramo da Observância. Nesse mesmo período o ramo Conventual desaparece o que provoca que se perca muita documentação do convento (Teixeira, 1997).

Apesar da ausência de documentação a escultura que se encontra hoje a culto e em guarda no convento perfaz um total de 44 obras, além de vários fragmentos também registados, sendo a categoria de artes plásticas mais representativa de todo o programa decorativo do interior do templo. Na sua maioria trata-se de escultura em madeira policromada.

No presente artigo destacam-se as esculturas que representam Cristo, mais concretamente nos episódios relacionados com São Francisco de Assis. Na igreja de São Francisco, em Bragança, existem dois conjuntos escultóricos que materializam a intensidade deste culto. Um dos conjuntos está exposto no primeiro retábulo do lado da epístola, (Cristo na Cruz com braço direito pendente evocando o abraço místico a São Francisco) como mostram as figuras 3 e 4.

O outro conjunto (Cristo Serafim e São Francisco ajoelhado) está atualmente guardado, pois a interrupção das obras de restauro do retábulo do altar – mor provocou a alteração na disposição de algumas imagens que carecem ainda de suporte,



3. Retábulo em talha barroca, do lado do Epístola. Cristo na Cruz com braço direito pendente evocando o abraço místico a São Francisco, século XVIII(?).



4. Detalhe da escultura de Cristo na Cruz com braço direito pendente, evocando o abraço místico a São Francisco, século XVIII(?).



5. Cristo Serafim – Cristo na visão de São Francisco no Monte Alverne, Século XVIII(?).



6. Detalhe da escultura de Cristo Serafim – Cristo na visão de São Francisco no Monte Alverne, Século XVIII(?).

A singularidade da figura alada como mostram as figuras 5 e 6, muito rara na escultura, apesar de comum na pintura, a figura de Cristo com três pares de asas, conforme a visão de São Francisco no momento em que recebe os estigmas, constitui, pela cuidadosa técnica escultórica e sobretudo pela curiosa presença dos elementos naturais conjugados com o corpo martirizado de Cristo, uma obra evocadora da variedade e originalidade dos modelos iconográficos divulgados pela ordem. A escultura não se encontra atualmente exposta, assim como a imagem de São Francisco ajoelhado que possivelmente a acompanhava, estão ambas guardadas por falta de suporte que as sustenha para exposição.

3. Convento de Santa Clara em Bragança



7. Vista geral do interior da igreja de Santa Clara.

A 8 de dezembro de 1569, o bispo de Miranda, D. António Pinheiro, benzeu solenemente o sítio para o convento de freiras de Santa Clara, debaixo do título de Nossa Senhora da Conceição (Alves, 2000).

Destinado às filhas e netas dos cidadãos de Bragança, foi inicialmente construído na praça da cruz de pau (atual Praça da Sé), mas como nesse local

as freiras não se adaptaram o local foi doado aos jesuítas e foi encetado novo projeto para as clarissas.

Segundo Rodrigues (1997) em 1568, a câmara e o bispo disponibilizaram-se a iniciar um novo projeto para as monjas. A sua construção foi iniciada em 1569 e as freiras deram entrada em 1598, ano em que ainda não estava terminada a obra, mas já era habitável. A câmara era padroeira do convento, dada a ajuda económica que disponibilizou, mas o duque de Bragança também apoiou a fábrica do edifício. A igreja foi entregue aos mestres pedreiros Afonso Gonçalves e António Gonçalves por contrato lavrado em 1596:

Ainda, segundo Rodrigues (1997) o convento tinha capacidade para 45 monjas mas, com a obrigação de nele entrarem as filhas e netas dos cidadãos de Bragança, o número aumentou consideravelmente. Em 1693 havia, entre monjas e criadas, 103 pessoas dentro do convento. Com a guerra da restauração foram destruídas várias instalações para a construção da nova muralha que passava na cerca do convento, as tropas chegaram a ocupar um dormitório. Mais tarde, o convento seria indemnizado pela coroa e se durante o século XVII recebiam rendas de diversas fontes, ao longo do século XVIII a pobreza foi-se instalando e o Bispo D. Aleixo editou uma pastoral cativando as esmolas dos fregueses. Em 1806 o estado de ruína tornava urgente a mudança do hospital e da enfermaria.

Mas Jacob (1997) refere que após a extinção das ordens religiosas o convento teve inúmeros projetos, que não chegaram a concretizar-se, tendo mais tarde sido utilizado pela Santa Casa da Misericórdia para instalar um jardim infantil.

Do amplo complexo conventual, atualmente apenas existe a igreja, tendo o interior do templo sido alterado sucessivas vezes ao longo do século XX. Das 15 esculturas que se encontram a culto no interior do templo quase metade são obras do século XX, que possivelmente substituíram outras, hoje desaparecidas. Entre 1721 e 1724 “a capela-mor, toda coberta de talhada ao moderno e a frente do arco com dois andares, um de Nossa Senhora dos Remédios e outro de Santo António, nos lados da tribuna S. Francisco e Santa Clara e, em levantado trono, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, sua padroeira” (Borges, 2012, p. 155).

Hoje, quase três séculos depois de Borges ter observado o interior do templo de Santa Clara, apenas a imagem de Santo António se mantém.



8. Imagem de Nossa Senhora das Graças



9. Vista da fachada da igreja de São Francisco – Mogadouro. Século xvii (1667\1689)

A imagem de Nossa Senhora das Graças, atualmente padroeira da cidade de Bragança, foi adquirida em 1862, segundo Francisco Felgueiras no seu texto “Roteiro e escorço histórico da cidade de Bragança”, publicado na revista Amigos de Bragança de 1964 e citado por Jacob (Jacob, 1997).

4. Convento de São Francisco em Mogadouro

Mourinho (1995) indica que segundo a data gravada na cartela que se encontra sobre o nicho na fachada da igreja, a construção do edifício deve ter terminado no ano de 1689, mas há documentos que permitem dizer que a igreja estaria pronta para servir ao culto, vinte anos antes.

Mourinho (1995) refere que a tradição reza que o monumento foi mandado edificar por D. Luís Álvares de Távora, 8.º alcaide da praça de Miranda do Douro e 7.º Senhor e Comendador da vila de Mogadouro, por comutação de uma promessa. Apesar de pertencer ao arcebispado de Braga, até 1882, como pertencia parte do concelho de Mogadouro, eram os bispos de Miranda do

Douro – Bragança que ordenavam os padres franciscanos do convento, atendendo à distância que os separava de Braga. Pertencia o convento aos frades menores ou capuchos e depois de Lisboa era o maior convento da província.

O mesmo autor refere as semelhanças arquitetónicas da igreja de Mogadouro com a igreja da Encarnação de Madrid, reforçando dessa forma as influências espanholas, justificáveis não só pela proximidade territorial mas também porque, a partir de 1580, com a união das duas coroas se assiste a um forte intercâmbio artístico luso-espanhol e vice-versa. Por outro lado os Távora eram uma nobre família de corte com relações com artistas de todos os ramos e viviam em Portugal e em Espanha, tendo trazido deste país o que de mais moderno havia no campo da arte do tempo, tendo o interior do convento sido adaptado para receber repartições públicas, embora atualmente seja a câmara municipal de Mogadouro que ocupa o espaço conventual e a igreja cumpre funções paroquiais.

As 16 esculturas ao culto no interior do templo estão, na sua maioria, deslocadas do seu espaço original. Destaca-se do conjunto a forte presença de imagens de roca ou de vestir, evitadas desde o Concílio de Trento, mas que a devoção popular fez perdurar muito depois do século xvi. Representam figuras femininas, destacando-se a que representa Nossa Senhora do Caminho (figura 9), com irmandade e com capela própria fora do convento franciscano. O Abade de Baçal, na sua obra, refere a pastoral do bispo D. Frei João da Cruz de 1753 que reforça a proibição das imagens de vestir.

“Manda aos párocos que não consintam nas igrejas imagens de Nossa Senhora ou de seu Filho vestidas com camisas ou outros fatos, como costumam em algumas partes, por tal vestido ser impróprio. Diz que muitas imagens de santos estão mal feitas, não infundindo por isso piedade. Mandas reformar dentro de cinco anos, devendo ser todas de talha dourada e estofadas, podendo ser feitas na cidade de Valladolid, onde, nesse género, se trabalha mais perfeitamente, com olhos de cristal” (Alves, 2000, p. 162).

A persistência das imagens de roca é um dos elementos que caracteriza a escultura do convento de São Francisco, em Mogadouro. Destacam-se também pela sua raridade, pois são mais comuns neste território os retábulos barrocos, os dois retábulos maneiristas (figura 10) que conservam ambos as imagens originais e que estão colocados, um de cada lado do templo, junto ao arco de triunfo.



9. Retábulo em talha barroca nacional da Senhora do Caminho (primeira capela do lado do Epístola). 10. Retábulo maneirista com escultura de Cristo Crucificado. Transepto do lado do Epístola

5. Seminário Franciscano de Missionários Apostólicos de Vinhais

Montes Moreira (2000) refere que os seminários autónomos de missionários apostólicos uniam a uma austera disciplina conventual a intensa atividade exterior de pregação de missões populares. Quanto ao regime administrativo dependiam diretamente do governo central da ordem, sem laços jurídicos nem com as províncias nem sequer entre eles. O convento de Varatojo foi o primeiro seminário apostólico autónomo da ordem, autonomizado da Província dos Algarves com autorização papal de 1679, a este se seguiram outros quatro: Brancanes 1682; Vinhais em 1753; Mesão Frio em 1790 e Falperra em 1826.

Em 1752, segundo Martins (1929) obtida licença régia, fundaram os franciscanos, a pedido de alguns moradores, o convento de São Francisco de Vinhais (figura 11). O mesmo autor justifica a data pela inscrição na parede do pórtico da igreja do convento e distingue vários frades que passaram pelo seminário de Nossa Senhora da Encarnação destacando, entre pregadores e escritores um escultor: “Frei Domingos, notável artista, a quem são atribuídas

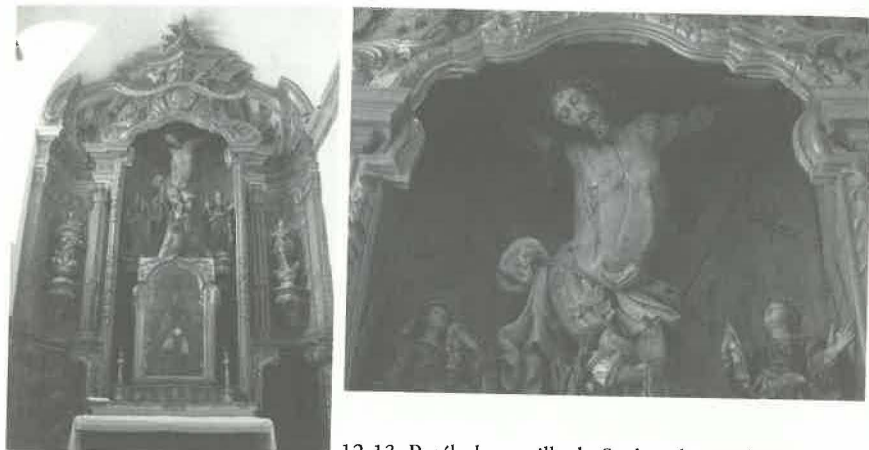


11. Fachada da igreja de Nossa senhora da Encarnação – Seminário Apostólico século XVIII.

algumas das esculturas que ainda hoje se observam na Igreja do convento, entre as quais, é reconhecida pelos entendidos como obra prima a imagem do Senhor do Côro, hoje na capela do lado direito do pórtico da igreja, e tantos outros, que seria fastidioso inumerar” (Martins, 1929, p. 8).

Hoje, a capela das Dores exhibe ainda a figura atribuída por Firmino Martins a Frei Domingos, no interior do retábulo ajustado de modo a comportar a exposição da imagem de tamanho colossal (figura 12). A referência à imagem como “Senhor do Côro” permite entender a escala colossal da imagem bem como percebê-la no espaço original, sob a balaustrada do coro alto da Igreja da Encarnação, onde atualmente está exposta uma imagem também de um Cristo Crucificado mas de produção atribuída à segunda metade do século XX. A imagem do Senhor dos Perdidos estaria, portanto, originalmente confrontada com a também colossal imagem de Nossa Senhora da Encarnação colocada no nicho central do altar-mor.

Como se vê na figura 13 a escala da escultura do Senhor dos Perdidos é colossal, desproporcionada até em relação ao tamanho das restantes esculturas que atualmente o acompanham. Designada por Firmino Martins como Senhor do Côro (pela localização original da figura no coro alto da igreja) é atribuída pelo mesmo autor a Frei Domingos, frade da Ordem Franciscana de missionários apostólicos de Vinhais.



12-13. Retábulo rocaille do Senhor dos Perdidos.

Martins (1929) afirma que a igreja e o convento sofreram várias alterações, após a expulsão das Ordens Religiosas em 1834, de modo a comportar as diversas funções que foram sendo atribuídas ao espaço. Inicialmente serviu de alojamento e mais tarde de quartel de destacamento militar, serviço que ainda prestaria, quando em 1929, F. Martins o descreveu. Ainda destacou algumas alterações como as da capela do capítulo que foi transformada em cozinha e da capela da Senhora do Carmo (hoje desaparecida), no claustro adaptada a dispensa, desde o ano de 1865.

O conjunto edificado do seminário Franciscano de missionários apostólicos de Vinhais inclui, além da igreja da Encarnação, a capela das Dores e a sacristia. Recentemente foi adaptado parte do espaço para acolher o museu de arte sacra. Dentro do perímetro da cerca do seminário existem mais duas capelas com conjuntos escultóricos em terracota, já muito deteriorados. No total dos espaços de Vinhais foram inventariadas cerca de 60 esculturas.

6. Igreja da Venerável Ordem Terceira da Penitência em Vinhais

Martins (1929) refere que contigua à igreja e convento Ordem Franciscana de missionários apostólicos de Vinhais foi, em 1779, erigida a igreja da Venerável Ordem Terceira da Penitência: Segundo o mesmo autor, José de Morais Sarmiento deixou em testamento todos os haveres à Ordem III, tendo

as casas e as igrejas sido construídas após a sua morte. De salientar que ainda hoje cresce na fachada desta igreja, junto ao campanário, a figueira da lenda que já o Padre Firmino Martins descrevia (figura 14).

Das 13 esculturas hoje expostas a culto no interior da igreja destacam-se, pela sua raridade, dois conjuntos escultóricos em cerâmica colocados dentro de caixas envidraçadas e designados de maquinetas (figura 15). Estão colocados, um de cada lado do templo, junto ao arco de triunfo e o que está no lado do evangelho representa um presépio, enquanto o que está colocado no lado da epístola representa uma descida da cruz.



14. Fachada da igreja de São Francisco – da Venerável Ordem Terceira da Penitência.



15. Maquineta com Descida da Cruz – finais do século XVIII(?)

Notas Conclusivas

Dando por concluída a presente exposição sobre as esculturas dos espaços franciscanos no território de Bragança pensamos ter exposto a importância destes núcleos de estudo na área da arte da talha e da imaginária. Das cerca de 130 esculturas inventariadas até ao momento nos espaços outrora ocupados pela ordem franciscana no território Brigantino sobressai a quantidade

mas também a qualidade de algumas obras encomendadas. Nos três núcleos: Bragança, Mogadouro e Vinhais, os templos franciscanos são sempre os de maiores dimensões, e apercebemo-nos, neste estudo, que foram também os que receberam programas decorativos mais amplos, onde a escultura, ocupa, inquestionavelmente o lugar mais representativo. Os séculos XVII e XVIII constituem um período fecundo na produção de escultura, na sua maioria em madeira policromada e estufada.

A ausência de documentos que nos permitam datar as encomendas e sobretudo identificar os autores e oficinas criam falhas difíceis de preencher, não só na autoria das obras mas também na disposição original das imagens nos retábulos.

No entanto, acreditamos que a prevista análise dos modelos iconográficos identificados permitirá uma aproximação às imagens pelo seu valor catequético, além do seu valor estético, promovendo o delinear dos contornos do ideal moral, individual e social franciscano, que persiste nas esculturas que chegaram até nós.

A aproximação entre o visitante contemporâneo e o património artístico religioso supõe a fruição estética das obras que se intensifica pela comoção emocional evocada na linguagem simbólica que encerra a ampla variedade de modelos iconográficos com que se confronta nesta rota.

Para dar resposta a estas questões está a ser desenvolvido um trabalho de investigação que trará novos dados sobre a arte desenvolvida pelos franciscanos neste território.

Referências bibliográficas

- ALVES, F. M. (2000). *Bragança Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança (2.ª edição) Tomo II*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança / Instituto Português de Museus – Museu Abade de Baçal.
- BORGES, J. C. (2012). Memórias de Bragança. In F. d. Sousa. CEPESSE / Câmara Municipal de Bragança.
- JACOB, J. M. (1997). *Bragança*. Lisboa: Presença.
- MARQUES, J. (1982). *Os franciscanos no norte de Portugal nos finais da Idade Média*. Boletim do Arquivo Distrital do Porto.
- MARTINS, F. A. (1929). *Subsídios para a história religiosa do distrito de Bragança : a Ordem III e a casa do Fundador do convento de S. Francisco de Vinhais*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

- MATTOSO, J. (1993). *História de Portugal, vol. II*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- _____, (2002). O enquadramento social e económico das primeiras fundações franciscanas. In J. Mattoso, *Portugal medieval: novas interpretações; vol. 8*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MONTES MOREIRA, A. (2000). In C. M. Azevedo, *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MOURINHO, A. R. (1995). *Arquitetura religiosa da diocese de Miranda do Douro – Bragança*. Sendim: Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- RODRIGUES, L. A. (1997). *Bragança no século XVIII. Urbanismo. Arquitectura, vol. 1*. Bragança: Junta de Freguesia da Sé.
- TEIXEIRA, V. R. (1997). A presença franciscana na região de Bragança-Miranda até ao séc. XV. *Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda Congresso histórico 450 anos da fundação. Actas*. Bragança: Comissão Executiva das Comemorações.